

# COMO SE FAZ UMA REDAÇÃO NOTA 10

Marisa Magnus Smith\*

*Escrever é deixar no papel  
a impressão digital do ser que somos.*

Gabriel Perissé

**Resumo** – O presente artigo discute a possibilidade de se produzirem textos de qualidade em situação de concurso vestibular. Para tanto, utilizando diferentes ferramentas, que contemplam aspectos lingüísticos, temáticos, pragmáticos, textuais e discursivos, analisamos dois textos autênticos, produzidos em situação de prova e avaliados com nota máxima. São enfatizados quesitos relevantes para a constituição de um texto autoral, que se situe para além das fórmulas/fôrmas que tantas vezes desviam o foco de atenção de professores (bem intencionados) e alunos (bem ansiosos), seja pelo compromisso de dar conta de uma estrutura preestabelecida, seja pelo excesso de preocupação com a correção gramatical, em detrimento da organização e pertinência das idéias.

**Palavras-chave** – Redação de vestibular. Qualidades do texto. Criatividade e autoria.

---

\* Coordenadora Pedagógica do Núcleo de Ingresso da PUCRS. Coordenadora da banca de avaliação de redações de concurso vestibular da PUCRS. Professora da Faculdade de Letras da PUCRS.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Para além de selecionar futuros acadêmicos, o concurso vestibular é um evento que mobiliza intensamente a comunidade, provocando comentários e avaliações de toda ordem. Num contexto de intensa disputa e conseqüente envolvimento emocional dos atores (vestibulandos, pais, amigos, amados, professores de cursos pré-vestibular e de Ensino Médio, média), é natural que todos tenham algo a dizer. Predominam, nessas reações, juízos de valor sobre o desempenho dos candidatos, e a redação, por constituir o espaço de manifestação da individualidade, presta-se à perfeição para tanto.

Alguns comunicadores, especialmente, parecem divertir-se muito elencando barbaridades (de origem bastante duvidosa), não raro batizadas como “pérolas” – ironia que desonra o lindo produto das ostras ao caracterizar situações de desempenho lingüístico inadequado. A maioria dos professores, por outro lado, que têm como objetivo desenvolver a competência comunicativa de seus alunos, vêem na possibilidade de examinar grande número de textos uma boa oportunidade de reflexão sobre a língua em uso.

É esta última a perspectiva que me mobiliza no presente artigo. Com tantos anos de experiência na leitura de dissertações de vestibular, penso já poder discernir com alguma clareza determinados traços distintivos desses textos. Assumindo o reducionismo que qualquer tentativa de sistematização implica, pretendo refletir sobre algumas questões da escrita tendo como fun-

damento dissertações elaboradas em situação de concurso vestibular. E o farei pelo viés positivo, enfocando propriedades que qualificam o texto, caracterizando-o como uma “redação nota 10”.

Nossas competências ligadas à comunicação verbal permitem a todos nós, professores de redação ou não, reconhecer um texto como bom. E em geral podemos nomear algumas qualidades que ele apresenta: clareza, organização, bom vocabulário, correção gramatical, adequação entre tipo/gênero, tema, propósito, situação. Ainda assim, um exame detalhado desse bom texto poderá revelar particularidades nem sempre apreensíveis à primeira leitura.

Nosso propósito neste artigo é, por meio da análise de algumas redações autênticas de vestibulandos, responder a uma primeira questão, mais simples – O que faz de um texto um bom texto? e a outra ligeiramente mais complexa – O que faz de um texto um texto “de autoria”? Ou seja: O que caracteriza um texto bom, que apresente “luz própria” (até onde isso é possível, considerando-se que nenhum texto é exclusivamente autoral)? Em paralelo, esperamos que as respostas possam ainda responder a uma outra questão: É possível, em contexto adverso como o de uma prova de vestibular, elaborar um bom texto?

## **O que caracteriza um texto como bom?**

Todos os falantes alfabetizados e proficientes em leitura e escrita sabem reconhecer um texto bem formado, independentemente de saberem defini-lo. Já os especialistas percebem, nesses textos, uma multiplicidade de condições, as quais apontam para uma definição próxima à que segue:

*Um texto bem formado é uma unidade comunicativa estruturada de forma a manifestar determinada intenção discursiva de seu autor.*

Aproximando o foco, é possível dizer que um texto bem formado é uma *unidade comunicativa*, com começo, meio fim, que pretende *comunicar algo a alguém*. Sendo uma unidade, constitui uma estrutura, ou seja, não é qualquer seqüência de idéias faladas ou escritas, mas sim um conjunto organizado, tecido de acordo com regras compartilhadas por quem fala/escreve e ouve/lê. Assim como tijolos, cimento, areia e um pedreiro dispostos lado a lado não fazem uma parede, também o material lingüístico, sozinho, não constitui um texto. Para haver um *produto*, é necessária (mas não suficiente) uma certa combinação, uma distribuição correta e proporcional da matéria-prima. Mas esse arranjo ainda não é suficiente, em ambos os casos, porque é preciso haver clareza sobre a funcionalidade do que se pretende construir para fazê-lo bem, é preciso haver uma determinada intenção, que sustentará, direcionará e justificará a escolha dos materiais, sua disposição e acabamento. Este objetivo, no caso do texto, é *a intenção discursiva que move o autor*.

Para se redigir com proficiência, é necessário acionar uma série de elementos, dentre os quais um *componente lingüístico*, referente aos conhecimentos gramaticais e ao vocabulário; um *componente textual*, por meio do qual identificamos e produzimos textos bem formados, um *componente referencial*, que aciona conhecimentos do mundo compartilhado por falante e ouvinte / escritor e leitor; um *componente pragmático*, ou seja, o domínio de práticas correntes na comunidade falante, como normas, estratégias aceitas em situações específicas de comunicação.

Um pouco dessas idéias serão desenvolvidas a seguir, quando examinaremos alguns fatores que concorrem para a constituição de um bom texto.

## **ANÁLISES**

Os textos em análise foram redigidos em situação de prova, como resposta a propostas formuladas pela banca de língua portuguesa do Concurso Vestibular da PUCRS, sendo essas de na-

tureza muito diversa, como se verá na seqüência. A análise assumirá metodologias distintas, de modo a não aborrecer o leitor e a demonstrar que “todos os caminhos levam a Roma”, ou seja, qualquer que seja a perspectiva de observação, a qualidade de um bom texto sempre se manifesta.

### **Texto 1: *O viajante eterno***

Para a primeira análise, utilizaremos os quatro estratos mencionados acima, referentes às competências lingüística, textual, referencial e pragmática. Essa divisão constitui uma opção metodológica tão-somente, já que esses estratos interagem de modo indissociável na realidade do texto, e que um texto bem sucedido é muito mais do que a soma dessas competências.

#### VESTIBULAR PUCRS – INVERNO DE 2004

O homem irá até onde é possível ir. Perto ou longe. Cedo ou tarde. Parece que faz parte da essência humana o impulso irresistível de ampliar fronteiras.

Depois que plantou uma bandeirola na Lua, em 1969, o homem voltou seu olhar para Marte. Recentemente, as missões se intensificaram, com dois jipes-robôs da NASA – o Spirit e o Opportunity – passeando no Planeta Vermelho, observando detalhes, tirando fotos, quebrando rochas, fazendo análises e revelando fortes indícios de presença de água.

Entretanto, não são poucas as pessoas que contestam a importância da exploração do espaço, principalmente devido aos extraordinários investimentos que os países ricos expendem em seus projetos espaciais.

E você, o que pensa a respeito desta questão? Vale a pena investir tantos recursos humanos e financeiros na exploração do espaço?

Tendo elaborado sua resposta a esse questionamento, redija um texto dissertativo, apresentando seu ponto de vista e sustentando-o com argumentos convincentes. Se você tiver conhecimentos para tanto, inclua em seu texto dados da realidade ou exemplos para conferir mais força a suas idéias.

## O viajante eterno

01 *O homem é um viajante eterno. A viagem começa no útero, na luta do espermatozóide*  
02 *para atingir o alvo, o óvulo. Vencedor, transforma-se em um só corpo, uma só célula,*  
03 *que vai “metaforseando-se”. É natural, é da essência humana ir adiante, buscar*  
04 *novas passagens, crescer, progredir – alguns, porém, não vão além do próprio*  
05 *umbigo (egoístas!!!); outros, imaginem, têm a pretensão de sair da estratosfera e*  
06 *atingir “céus nunca dantes navegados” (parodiando Camões).*  
07 *Na verdade, quando o homem, na Idade Média, descobriu que havia mais riquezas*  
08 *entre céu e terra do que imaginava, ou do que lhe diziam, tomou as rédeas de seu*  
09 *destino e resolveu sair mar a fora, ninguém mais o segurou, principalmente depois de*  
10 *descobrir que o mercantilismo e os seus lucros eram de suma importância para o*  
11 *crescimento das nações. Ganhou os mares e os “ares”. Por que não?*  
12 *Os investimentos daquela época eram tão grandes quanto os de agora e já havia*  
13 *pobreza, desigualdade social e todas as mazelas que conhecemos muito bem. Reis e*  
14 *rainhas queriam conquistar espaço, riquezas... e a história vai se repetindo. O homem*  
15 *mudou? Não! Os investimentos nas grandes viagens continuam; a ânsia pelo lucro, a*  
16 *busca pelo “alvo”, “óvulo” (!), seja em Marte, na Lua, no buraco negro!*  
17 *Talvez a maior viagem, esta que os grandes impérios, nações do Primeiro Mundo*  
18 *estejam esquecendo, seja a mais simples de todas: a volta à natureza e sua preservação.*  
19 *Então, não precisariam buscar em outros “ares” o que teriam de sobra aqui,*  
20 *se tivessem bom-senso e se não fossem tão egoístas. E a viagem continua, a história é*  
21 *feita de ciclos...*

## O componente lingüístico

Do domínio do lingüístico fazem parte todos os elementos que se manifestam microestruturalmente, na superfície do texto: das convenções ortográficas às flexões, das concordâncias às regências, do uso de nexos à pontuação, etc. Trata-se da matéria-prima que possibilita a organização do pensamento em outros níveis mais complexos; por isso, sem uma adequada expressão, as melhores intenções não passam de projetos. E como no nível do lingüístico as convenções e os preceitos são inúmeros e há pouca margem para negociação, o julgamento – levando em conta a situação de enunciação, que requer um texto de acordo com o padrão culto escrito – centra-se na dicotomia correto/incorreto.

Talvez por isso, talvez por se manifestar concreta e diretamente na superfície do texto, o componente lingüístico é o que

maior visibilidade apresenta: antes mesmo de conseguirmos ajuizar sobre a consistência dos argumentos ou sobre a adequação pragmática, já saltam aos nossos olhos letras mal escolhidas, crases mal sinalizadas, flexões inadequadas. Por mais acolhedores que sejamos em relação à variação lingüística, quando a necessidade da norma culta escrita se impõe, o adequado/inadequado se configura como de acordo/em desacordo com, dicotomia que, em tempos menos corretos politicamente, correspondia a correto/incorreto.

No caso do texto em análise, por essa mesma razão, percebe-se com uma rápida leitura que ele atende aos padrões de correção lingüística. Se isso não garante a qualidade do texto, é inegavelmente um pré-requisito para uma avaliação positiva. Mas, para além dos padrões mínimos, já se pode perceber, neste nível, que se trata de um texto diferenciado, que revela um redator competente. Eis alguns indicadores:

- Pontuação: Uso de sinais alternativos ao ponto e à vírgula, tendo como resultado um texto mais claramente sinalizado, tanto estrutural quanto semanticamente. Por exemplo:

Os parênteses veiculam digressões, tanto explícitas (linhas 05 e 06) quanto implícita (linha 16). Neste último caso, os sinais internos aos parênteses têm acentuado papel discursivo, sugerindo uma avaliação do redator em relação à idéia precedente e convidando o leitor a participar dessa avaliação, (re)construindo-lhe o sentido. O travessão (linha 04) imprime especial destaque ao segmento que inicia, enfatizando a oposição entre a afirmação genérica anterior, referente à “essência humana” e as duas possibilidades de manifestação dessa essência. Os dois-pontos (linha 18) relacionam de forma catafórica (como é de sua natureza) o atributo genérico (“a mais simples de todas”) à sua explicitação “a volta...”. Os pontos-e-vírgulas (linhas 05 e 15) ligam produtivamente as seqüências, sinalizando a necessária distinção entre segmentos de nível diverso nos períodos em que se encontram. E

as reticências (linhas 14 e 21) sinalizam efeitos diferentes: no primeiro caso, enfatizam um inventário aberto de objetos de desejo, para além de “espaço” e de “riquezas”; no segundo, sugerem o moto-contínuo da história.

Vale aqui lembrar o papel dos sinais de pontuação como ponto de encontro entre leitor e escritor: mais do que organizar sintaticamente as estruturas, pontuar é orientar leituras, e a escolha dos sinais tem repercussão sobre a construção de sentidos.

- Uso de aspas com motivação/resultado diverso, ora destacando o uso metafórico da linguagem (linhas 03, 11, 16 e 19), ora marcando a fala do outro (linha 06).
- Uso adequado de maiúsculas em substantivos próprios que têm homônimos comuns (linhas 07, 16 e 17), principalmente Idade Média, Lua e Primeiro Mundo.
- Seleção vocabular com efeito estilístico/discursivo diferenciado, como no caso das combinações “o alvo, o óvulo” (linha 02); “os mares e os ares” (linha 11), ou do uso de vocábulos precisos, tais como “estratosfera”, “mercantilismo”, “mazelas”, “buraco negro”.

## O componente textual

Neste estrato atuam os recursos que imprimem unidade de sentido em nível temático, discursivo e funcional às relações entre expressões, sintagmas, orações, períodos, parágrafos. A textualidade é uma abstração complexa, presente em textos coesos e coerentes, e se constrói nos níveis micro e macroestrutural – seja por meio de substituidores, seqüenciadores, definidores, seja pela ação de sinônimos, antônimos, hipernônimos, hipônimos, seja ainda pelo equilíbrio entre informação nova e informação velha, que contribuem para a progressão do tema.

No texto em análise, todos os recursos de textualidade são explorados. Alguns fogem ao trivial, e por isso merecem destaque. Por exemplo:



- Uso recorrente de elementos coordenados, tanto no nível das orações quanto dos períodos, imprimindo um ritmo peculiar ao texto: “no útero, na eterna luta do espermatozóide” (linha 01); “um só corpo, uma só célula” (linhas 02 e 03); “É natural, é da essência humana” (linha 03); “E a viagem continua, a história é feita de ciclos...” (linhas 20 e 21).

Se é inegável e já corroborado em pesquisas que o uso competente de estruturas subordinadas constitui indício de maturidade lingüística, também é verdade que seqüências combinadas por coordenação, se bem aproveitadas, podem imprimir um ritmo particular, uma certa musicalidade ao texto.

- Uso de unidades de significado (lexias e expressões) em rede, tecendo o campo lexical responsável pelo sentido básico do texto (a busca incessante do homem): “viajante”, “viagem”, “atingir”, “transformar-se”, “ir adiante”, “buscar novas passagens”, “sair da estratosfera”, “atingir ‘céus’”, “tomou as rédeas”, “sair mar a fora”, “Ganhou os mares”, “conquistar espaço”, “grandes viagens”, “busca pelo alvo”, “grandes viagens”, “volta à natureza”, “buscar em outros ares”, “viagem continua”.
- Uso de mecanismos que favorecem a progressão temática, tanto os relacionados ao movimento que vai da ânsia de expansão à volta ao mais próximo (“A viagem começa no útero” “vai metamorfoseando-se”, “ninguém mais o segurou”, “os investimentos continuam”, “talvez a maior viagem seja a mais simples”, “volta à natureza”), quanto os que reiteram a permanência da essência humana (“viajante eterno”, “a história vai se repetindo”, “a viagem continua”, “a história é feita de ciclos”);

A presença e as características de determinados campos lexicais em um texto são um forte indicador de qualidade, já que eles formam uma trama que sustenta e revela, ao mesmo tempo, a organização sintático-semântica das idéias.

- Uso de recursos discursivos que favorecem a coesão: gradação: “ir adiante, buscar novas paragens, crescer, progredir” (linhas 03 e 04); antítese: “alguns, porém [...] outros,” (linhas 04 a 06); elipse: “Vencedor” (linha 02).

## O componente temático

Este componente diz respeito ao conhecimento do autor sobre o assunto que desenvolve, tanto em termos de consistência quanto da adequada utilização desses conhecimentos, tendo em vista os efeitos discursivos desejados. No caso em análise, a autora demonstra não só compreender o tema e ter clareza sobre o ponto de vista que pretende, com também ter algum conhecimento sobre temas de natureza variada, tais como Biologia, Literatura, História, Economia, Geografia, Sociologia, Política, Bioética... Além disso, dispensa a esses conhecimentos um tratamento diversificado, literal ou metafórico, distribuindo-os organizadamente no texto.

No primeiro parágrafo, metaforiza noções de Biologia e a elas soma um toque de Literatura, incluindo uma citação. É a noção de permanência, de perenidade, representada pela “eternidade”, pela “essência humana” e pela referência à obra de arte, por natureza universal e perene. No segundo, volta-se ao passado – e aos medos ancestrais do homem medieval, superados pela transposição do desconhecido, decorrente de uma demanda econômica e política. No terceiro, aprofunda essa perspectiva, mencionando a desigualdade que não impediu o homem, ao longo da História, de aspirar ao desconhecido. No último, refere a importância de respeitar e preservar a natureza.

Em termos mais pontuais – além de referências a características do texto já feitas anteriormente, no presente artigo, que de algum modo repercutem sobre o componente temático – observa-se a inserção de comentários autorais, como discurso indireto livre – “(egoístas!!!)” (linha 05), “imaginem” (linha 05); digressões – “(parodiando Camões)” (linha 06); e diálogo virtual com

o leitor – “Por que não?” (linha 11), “O homem mudou? Não!” (linhas 14 e 15).

### **O componente pragmático**

Toda comunicação verbal, para ser bem-sucedida, deve estar em sintonia com o contexto – nem que seja para romper com ele. Tratando-se de “redação de vestibular”, na maioria dos casos se fala em dissertação, ou seja, de um texto opinativo sobre um dado tema, redigido segundo o padrão culto escrito da língua.

No caso analisado, não há dúvida de que se trata de um texto reflexivo, no qual o autor explora a questão das viagens ao espaço de acordo com o solicitado. Cabe aqui, entretanto, uma observação inquietante: talvez haja professores que consideram essa redação não totalmente adequada ao contexto, seja por apresentar uma forma não compatível com certas fôrmas que circulam no ensino médio e em cursos pré-vestibulares, seja por apresentar um tom um tanto hiperbólico.

Fazemos essa observação porque é generalizado, ainda e infelizmente, o apego ao gênero escolar “dissertação de vestibular”, entendida como um texto que deve apresentar um parágrafo introdutório com quatro linhas e dois enfoques distribuídos em dois períodos, uma conclusão de mesma extensão, que retome os dois enfoques com palavras diferentes e dois parágrafos de desenvolvimento, cada um referente aos tais dois enfoques.

Essa crença é funesta, não só por engessar o pensamento de professores e estudantes, mas principalmente por desviar a atenção da língua viva – expressão de pensamentos e sentimentos e instrumento de poder e/ou submissão – e direcioná-lo ao adestramento para dar conta de um gênero textual inútil, já que não se presta a nada na vida real, aquela para quem e para além do rito de passagem ao nível superior de ensino.

Voltando ao nosso “Viajante eterno”, observa-se uma elaboração arejada, leve, escorreita, livre de amarras. Não contaminado por fórmulas, sua autora ousa, e o texto surpreende e atíça a

atenção do leitor, propondo uma reflexão consistente. Não é isso o que se deseja de um texto opinativo? Pragmaticamente, portanto, não há o que obstar; pelo contrário, só o que elogiar.

## **Texto 2: Qual grande irmão?**

A segunda análise terá como fundamento alguns pressupostos apreendidos dos meus estudos de Análise do Discurso, devidamente passados pelo coador de cotidiana atividade pessoal e pedagógica referente à leitura e à escritura. Trata-se aqui, por opção pessoal, de uma análise holística.

A proposta que deu origem ao segundo texto em análise é bastante mais complexa do que a primeira, como se pode observar:

### VESTIBULAR PUCRS – INVERNO 2004

Mais duas voltas da Terra em torno do Sol e estaremos no meio do ano fatídico de Orwell. Não temos, porém, por que nos assustar. Não há sinais de que, em 1984, a serpente rompa a casca do ovo. [...] Só temos, por enquanto, mecanismos locais de opressão, ainda artesanais. É que, embora já exista tecnologia para isso, até agora não foram sequer armadas equações políticas de cuja solução depende a implantação, em dimensão mundial, de um sistema eletrônico de compressão da realidade. O anunciado Big Brother de Orwell é como um computador: frio e programado. Como não tem interesses próprios ou nacionais – que poderiam levá-lo a agir emocionalmente – será na sociedade condicionada que terão origem os seus impulsos tirânicos. Assim, não surgirá de repente – como um ladrão na noite ou uma tempestade elétrica no verão – mas no final de sucessivas experiências de enquadramento coletivo: um longo processo de tentativas ainda longe de ser arrematado e que, ao que tudo indica, jamais o será.

Limeira Tejo. *Correio do Povo*, 20/06/1982

O fragmento acima foi retirado do artigo “Quem tem medo do Big Brother”, publicado em 1982, dois anos antes de 1984, portanto. Nele, o autor defendia a idéia de que, ao que tudo indicava, a humanidade jamais seria submetida a um regime tirânico em termos planetários. Se você escolher o tema 3, deverá localizar-se no ano de 2002, verificando se a afirmação de Limeira Tejo continua verdadeira. Ou seja: somos, hoje, dominados planetariamente por uma ideologia ou regime político? E quanto ao futuro, existe perspectiva de que isso venha a acontecer? Qualquer que seja sua escolha, apresente argumentos que façam seu ponto de vista parecer verdadeiro aos olhos do leitor.

### *Qual grande irmão?*

01 *George Orwell – ao lado de Aldous Huxley e seu “Admirável Mundo Novo” –*  
02 *escreveu uma das mais aterrorizantes propostas para o nosso futuro. Mas, ao*  
03 *contrário de Huxley, profetizou um ano, uma época muito distante de 1948. O*  
04 *fatídico futuro de Orwell não chegou nos anos oitenta – estes tão atribulados com a*  
05 *disputa final entre capitalismo e socialismo; mesmo assim, ainda constitui um forte*  
06 *alerta a toda a humanidade, pois pode vir a acontecer.*

07 *O mundo, hoje, acabou tornando-se interdependente. Não somente na*  
08 *economia, mas até mesmo nas relações de subsistência dessa massa colossal de*  
09 *pessoas, os países necessitam de seus vizinhos. Os mecanismos tecnológicos para pôr*  
10 *em prática essa “ditadura planetária” não só continuam a existir, como também*  
11 *estão muito mais eficientes do que em 1984. Contudo, nem só de tecnologia e*  
12 *relações comerciais se necessita para o triunfo de tal opressão. Seria preciso, além*  
13 *de tudo isso, uma situação histórica favorável a esse tiranismo idealizado por Orwell*  
14 *e, para nossa alegria, tal momento ainda não se concretizou.*

15 *O “Big Brother” fundamenta-se nas incertezas provocadas pela guerra, na*  
16 *ansiedade causada pela espera constante de um conflito que não virá. Basicamente,*  
17 *é o medo que fornece os alicerces para a existência do “Grande Irmão”. Sem esse*  
18 *medo, o poder não existe. É fato que o mundo vive uma profunda interdependência*  
19 *na economia: certos blocos controlam o mercado e tentam impor suas propostas e*  
20 *opiniões aos demais. Entretanto, sem um “Grande Inimigo”, não há como justificar*  
21 *um estado de sítio de proporções mundiais, condição necessária para o surgimento*  
22 *de uma ditadura.*

23 *Apesar de a situação não estar próxima à presente no romance de Orwell, não*  
24 *podemos nos esquecer de seu aviso. Mais que sentir medo de um “Grande Irmão” a*  
25 *nos vigiar, devemos rever nossas ambições e nossos desejos. Porque, mesmo nesse*  
26 *cenário aterrorizante de “1984”, podemos encontrar a grandeza do homem e*  
27 *também alguma esperança. Por isso, devemos nos valer do que temos de bom antes*  
28 *que previsões terríveis como essa possam se concretizar.*

O parágrafo introdutório inicia por uma afirmação categórica – “George Orwell escreveu uma das mais aterrorizantes propostas para nosso futuro”, na qual se insere uma informação paralela, “ao lado de Aldous Huxley e seu Admirável Mundo Novo”, que dará seqüência e coerência à idéia subsequente, fundamental para o desenvolvimento da tese defendida e também para ligar essa tese à proposta apresentada ao candidato. Recursos como a comparação entre as obras (representados metonimicamente por seus autores), os implícitos (Huxley não profetizou uma data; a previsão de Orwell remetia aos anos 1980; a disputa entre capitalismo e socialismo teve um fecho) imprimem a este segmento de texto um interesse especial, por possibilitar ao leitor espaços de “ação”, iscando sua atenção, como diria João Cabral de Mello Neto. Além disso, a menção aparentemente dispensável à “disputa final entre capitalismo e socialismo” logo se mostrará muito apropriada.

O segundo parágrafo constata a existência de recursos tecnológicos suficientes para garantir uma ditadura planetária (deixando implícito que já no tempo ficcional de Orwell, 1984, isso era realidade), mas prepara o terreno para apresentar um argumento inesperado, e por isso tão valioso, que será desenvolvido na seqüência: para implantar-se um regime tirânico, é indispensável “uma situação histórica favorável”. Ainda neste momento, trata-se de uma generalização.

No terceiro parágrafo, o redator nos poupa de lugares-comuns, dá um crédito a nossa inteligência: em lugar de explicitar a relação com o que antecede, salta para uma referência ao “Big Brother”. Confiando que seu leitor saberá fazer a ligação com o Grande Irmão de Orwell, argumenta que o sucesso deste depende de que se configure como “Grande Inimigo”, possibilidade inexistente hoje, segundo entende. Aqui está o argumento que instaura um ângulo de observação privilegiado. Nada a ver com os sobejamente conhecidos “enfoques” e seus desdobramentos; este viés não tem compromisso com fôrmulas ou fórmulas.

Nesses dois segmentos intermediários de texto, o autor utiliza outro grande trunfo, fundamental para uma boa argumentação: evita afirmações dogmáticas, deixando a porta aberta para um ponto fundamental, que começou a se configurar ainda na introdução. Expressões tais como “mesmo assim, constitui um forte alerta”, “pode vir a acontecer” (introdução); “E fato que o mundo vive uma profunda interdependência”, “certos blocos controlam o mercado e tentam impor suas propostas” (parágrafo terceiro) garantem a progressão de uma idéia aparentemente secundária à tese principal, mas que se tornará muito forte ao final do texto: um alerta, expresso também por “não podemos esquecer seu aviso”, e encaminhado para uma proposta de ação (“devemos rever nossas ambições e nossos desejos”) respaldada pela constatação otimista de que “podemos encontrar a grandeza do homem e também alguma esperança”.

É muito importante observar que essas idéias “paralelas” que vão costurando o texto sem alarde (na medida em que parecem ser de segunda ordem de grandeza) em nada enfraquecem a posição clara e explícita do autor. Ou seja: esta redação nos comprova que é possível ser convicto sem ser dogmático; atenuar afirmações sem resvalar para a tibieza.

Retomando o que se dizia acima, sobre a referência à disputa final entre capitalismo e socialismo, é pertinente pontuar que essa idéia reaparece, de maneira subjacente, nos demais segmentos do texto. No segundo parágrafo, manifesta-se, por oposição, na nominalização totalizadora “interdependência”, e nos desdobramentos dessa: “relações de subsistência”, “países necessitam de seus vizinhos”. No terceiro, a sugestão de que, terminado o conflito Leste-Oeste, os medos suscitados por ele deixam de existir. O argumento é tão verossímil, tão envolvente, que o leitor nem lembra, pelo menos de imediato, que existem inúmeros outros conflitos assustando a humanidade...

Mas o ponto mais importante a (re)considerar, em relação a este texto, é a originalidade do argumento referente às condições para que se institua um regime ditatorial. Das centenas de textos

de vestibulandos que abordaram esse tema, nenhum analisou o fato sob esse prisma. As teses favoráveis à existência de um jugo internacional centraram-se em formas de dominação previsíveis, como a globalização e a mídia, defendendo de forma um tanto maniqueísta sua existência. Nessa medida, é possível perceber em “Qual grande irmão” uma tentativa bem sucedida de romper com o já-dito, violando, até onde isso é possível, a condição de assujeitamento aos discursos que perpassam a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o assunto é redação, em geral vêm à baila constatações sobre as dificuldades que as pessoas apresentam para se comunicar de modo proficiente pela escrita. Minha tese é a de que a escrita autêntica constitui um ato de vontade, e deriva sempre de um desejo e/ou de uma necessidade, seja ela prosaica, como orientar a diarista que não encontraremos sobre o que deve ser feito naquele dia; dramática, como comunicar o falecimento de um familiar; complexa, como escrever um parecer que poderá alterar o destino de um ser humano; emocional ou artística, como escrever uma página de diário, um poema, um livro de ficção. Escreve-se porque a função, o professor, o cliente, a prova do concurso demanda; escreve-se porque o sentimento ou o pensamento o exigem.

O ponto a que quero chegar é que ninguém escreve por nada: para fazê-lo, contamos com algum tipo de recompensa – ou um bom desfecho para a negociação, ou a aprovação no vestibular, ou o alívio para o coração, por exemplo. A essa recompensa, corresponde uma intenção, que nos move como autores e dá sentido à nossa escrita. Quando essa intenção inexistente, não existe texto.

De outra parte, escrever exige isolamento, concentração, paciência, condições que não combinam muito com nosso cotidiano, e muito menos em situação de prova de concurso vestibular. Exige, igualmente, exercício regular e continuado, sob pena de,



como os atletas, perdermos a forma. Exige, ainda, saber lidar com as frustrações decorrentes do fato de que a escrita é sempre redutora, já que é impossível expressar a totalidade de sentimentos e pensamentos no papel (tampouco oralmente, mas esta é outra história). E desenvolver a proficiência escrita demanda fazer e refazer o texto, de forma orientada, crescendo lentamente, um pouco de cada vez.

Como, então, os autores dos textos que analisamos puderam se sair tão bem, em condições adversas? Não sabemos exatamente. Mas temos algumas pistas. É possível supor, por exemplo, que esses autores acumulam larga prática de leitura, e que dominam os princípios da escrita de tal forma que mesmo a adversidade da situação não os impede de dar bom termo a sua tarefa. É possível inferir, também, que eles tenham conseguido construir, mesmo *in absentia*, uma escuta, a imagem de um interlocutor, com o qual dialogaram virtualmente no espaço da escrita. Por último, mas ainda muito importante, é possível pressupor que eles tiveram bons professores de língua materna, que souberam criar necessidades, estimulando seus alunos a escreverem para, por exemplo, influenciar o outro com sua opinião sobre uma questão palpitante, projetar-se na política estudantil, oferecer idéias e entretenimento por meio do jornal da escola, derramar seu sentimento, expressar-se artisticamente... Que os ajudaram a dar música e letra a suas idéias. Que possibilitaram, enfim, a cada um deles *deixar no papel a impressão digital do que eles foram, são e virão a ser*.